



# O ADOLESCENTE E A INDISCIPLINA EM SALA DE AULA

José Igor Souza Caraciolo<sup>1</sup>

### Resumo:

Este artigo pretende investigar como é tratada a questão da indisciplina do adolescente em sala de aula. Para tanto, será verificado os fatores que influenciam o aluno adolescente a cometer um ato indisciplinar e quais as metodologias adotadas pelos docentes. Como amostras da pesquisa foram selecionados, aleatoriamente, professores da rede pública e privada de ensino médio do Grande-Recife. Os questionários aplicados a estes profissionais serão analisados a partir das teorias de AQUINO e ERIKSON.

**Palavras-Chave:** indisciplina, adolescência, identidade.

### Abstract:

This article aims to investigate how they deal with the indiscipline of the adolescent in the classroom. For that, you checked the factors that influence a teenager to commit an act which indisciplinatory and the methodologies adopted by teachers. As the survey sample was randomly selected teachers from public and private high schools in the Big-Recife. The questionnaires applied to these professionals will be analyzed from the theories of AQUINO and ERIKSON.

**Keywords:** discipline, adolescence, identity.

## INTRODUÇÃO

A questão da indisciplina não é algo novo, é uma problemática que se arrasta desde tempos remotos até os dias atuais. Porém, não podemos analisar “indisciplina” sem antes revisar o contexto sócio-político-cultural em que se enquadra determinada situação na cronologia histórica. Isto porque o homem sempre está em processo de mutação.

Segundo o professor Júlio Groppa Aquino (apud GENTILE, 2002) “O conceito de indisciplina, como toda criação cultural, não é estático, uniforme, nem tampouco universal. Ele se relaciona com o conjunto de valores e expectativas que variam ao longo da história, entre as diferentes culturas e numa mesma sociedade”. Por exemplo, no século XVI, se um indivíduo quebrasse regras, como ir de encontro às normas morais que norteavam a sociedade,

---

<sup>1</sup> Graduando em Licenciatura Plena em História da Universidade Católica de Pernambuco. Email: jiscaraciolo@gmail.com.



era considerado um ato indisciplinar gravíssimo. Hoje, atos os indisciplinados vão mais além, chegando até a violência brutal.

Isso fez com que a questão indisciplinar provocasse um problema sério na sociedade, no meio familiar e principalmente no ambiente escolar, pois a escola é o primeiro contato social que a criança tem, e por isso o assunto tornou-se de extrema importância. Vários especialistas buscam uma solução para o problema e pela pertinência da problemática, surgem inúmeros trabalhos de pesquisas abordando o assunto.

Este artigo tem como objetivo investigar como está sendo tratada a questão da indisciplina do adolescente em sala de aula. Para tanto, faz-se necessário identificar as normas estabelecidas pela instituição de ensino e como as mesmas são planejadas, assim como averiguar a metodologia usada pelos docentes no intuito de solucionar o problema da indisciplina e verificar os fatores que influenciam o aluno adolescente a cometer um ato indisciplinar na escola e quais as conseqüências disto.

Para a realização desta pesquisa, foram utilizados questionários<sup>2</sup> e entrevistas<sup>3</sup> feitas com 43 professores atuantes em instituições de Ensino Fundamental e Médio dos setores público e privado da cidade do Recife. Estes profissionais foram divididos em três subgrupos<sup>4</sup>: origem da escola de atuação (pública ou privada); experiência profissional (menos ou mais de 10 anos); cargo(s) de atuação (professor, assessor pedagógico, psicólogo).

A análise será feita seguindo o método qualitativo.

### 1. A TRANSFORMAÇÃO NA JUVENTUDE

O termo 'adolescente' nos remete à idéia de transformação, afinal, esta é a fase de mudança do ser humano, é o momento de transição da infância para a juventude, de modificação do corpo e da mente. Esta transformação física é universal, pois independe da cultura ou do tempo histórico em que ele está inserido. Todo menino passa por alterações físicas padrões: o aumento dos órgãos genitais, o aparecimento de pelos pubianos, na face e nas axilas, e o agravamento da voz. Nas meninas, crescem as mamas, surgem pêlos pubianos e também nas axilas, e tem então início a menstruação. Segundo BEKER (1997), na adolescência nasce um novo referencial do ser homem e da mulher.

<sup>2</sup> Segue em anexo o questionário feito com os docentes.

<sup>3</sup> Alguns professores responderam aos questionários oralmente, tornando-se uma entrevista.

<sup>4</sup> Em anexo, segue o gráfico dos subgrupos.



Então, um belo dia, a lagarta inicia a construção de seu casulo. Este ser que vivia em contato íntimo com a natureza e a vida exterior, se fecha dentro de uma “casca” dentro de si mesmo. E dará início à transformação que levará a um ou outro ser, mais livre, mais bonito, (segundo algumas estéticas) e dotado de asas que lhe permitirão voar. Se a lagarta pensa e sente seu pensamento e seu sentimento também se transformarão. Serão agora o pensar e o sentir de uma borboleta. Ela vai ter um outro corpo, outro astral, outro tipo de relação com o mundo (Becker, 1997, p. 14).

Este novo ser que surge durante a adolescência traz consigo um verdadeiro turbilhão de idéias. Produz uma confusão de conceitos e perda de certas referências. É quando começa a estabelecer a sua nova identidade, mais autônoma e personificada. Isto porque durante a adolescência as atitudes vão sendo internalizadas e descartadas. Elas serão a base dos procedimentos que irão dar forma a identidade. Esta, por sua vez, construída por interferências do meio social (família, escola, mídia, etc.)

Neste caso, em nível psicológico, não há nada de universal, pois todos os fatores que rodeiam o jovem interferem na sua transformação. As mudanças psicológicas variam de cultura, de grupo e de indivíduo. O adolescente passa a procurar no meio de grupos sociais a busca do “eu”. É nesta tentativa de achar uma ideologia para o seu “ego” que ele entra em uma ‘crise de identidade’, assim denominada pelo psicanalista Erik Erikson (1972):

Em termos psicológicos, a formação da identidade emprega um processo de reflexão e observação simultâneas, um processo que ocorre em todos os níveis do funcionamento mental, pelo qual o indivíduo se julga a si próprio à luz daquilo que percebe ser a maneira como os outros o julgam, em comparação com eles próprios e com uma tipologia que é significativa para eles; enquanto que ele julga a maneira como eles o julgam, à luz do modo como se percebe a si próprio em comparação com os demais e com os tipos que se tornaram importantes para ele. Este processo é, felizmente (e necessariamente), em sua maior parte, inconsciente – exceto quando as condições internas e as circunstâncias externas se combinam para agravar uma dolorosa e eufórica ‘consciência de identidade’ (p.21)

Por fim, as mudanças psicológicas são pessoais e sofrem uma grande influência sócio-cultural, pois o adolescente busca nos outros o seu “eu”. Erikson ainda enfatiza que a “crise de identidade” só acaba quando o indivíduo consolida sua identidade e que esta é mutável.

## 2. REBELDIA JUVENIL

Os jovens têm um grande desafio, o de descobrir o seu “eu”. Esta fase é conturbada e complicada para todo adolescente, pois ele precisa se afirmar como ser social, ou seja, impor



sua pessoa para a sociedade que o rodeia. Assim, recusa conselhos e ordens, quer fazer suas próprias regras e acaba sendo subversivo com as regras da sociedade. A escola é o setor que mais sofre com isto. Em entrevista à revista ‘Nova Escola’ (jan./fev. 2002), o psicólogo português Daniel Sampaio fala que “a adolescência, em especial, é fase de descobrir e de testar limites”, para ele é natural que o adolescente contrarie o professor, pois, nesta fase, ele busca a sua autonomia. Logo o ato de indisciplina cometido pelo adolescente é, muitas vezes, inevitável. Porém é preciso limitar para que não se torne um problema maior. Este é o grande desafio das escolas hodiernas.

A falta de limite dos alunos, a bagunça, o tumulto, o mau comportamento, o desinteresse e o desrespeito às figuras de autoridade da escola, e também ao patrimônio, estão contidas na atual terminologia de ‘indisciplina’ – quando estas não partem para a violência. Para a professora de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da USP, Cintia Copit Freller, “a indisciplina é uma das maneiras que as crianças e os adolescentes têm de comunicar que algo não vai bem”<sup>5</sup>. É importante que o conjunto (sociedade, escola, família) compreenda este jovem e trabalhe com ele.

(...) não haveria dúvida de que o cotidiano escolar é herdeiro direto do entorno social e de que os reverses da relação professor-aluno (especialmente a indisciplina) seriam consequência, mais ou menos imediata, de entravas estruturais de múltiplas ordem – cultural, econômico, político (...) (AQUINO, 2002, p.38)

Todos os autores convergem no que diz respeito aos fatores que influenciam para a indisciplina do adolescente. É o que eles chamam de tripé: a família, que é a inspiração e o modelo inicial para as crianças; a escola, que é a porta da sociedade, o primeiro contato social que a criança tem; a sociedade, que influencia, principalmente o jovem, pois está a procura de se inserir em um grupo. No Brasil o quadro não é diferente. Porém, Carlos Fontes, em sua artigo publicado na web<sup>6</sup> – Indisciplina nas escolas – vai além destes três fatores e acrescenta um quarto. Para ele não só a família (o berço do adolescente, o modelo de comportamento), a sociedade e a escola são causadores de alunos indisciplinados, mas também o Ministério da Educação é condizente com isto.

O Ministério da Educação é atualmente uma dos principais promotores da indisciplina nas escolas. Não apenas através da regulamentação que produz sobre a matéria, mas também das medidas avulso que toma ou da morosidade dos processos

<sup>5</sup> Em reportagem da revista Nova Escola – jan./fev. 2002

<sup>6</sup> [HTTP://educar.no.sapo.pt/indisciplina.htm](http://educar.no.sapo.pt/indisciplina.htm)



que aprecia. A ineficácia do sistema é neste domínio um poderoso estímulo à generalização de práticas desviantes. (FONTES)

Para o autor, as mudanças ministeriais e a LDB (lei de Diretrizes e Bases) são os principais fatores. A primeira pelo fato de que “cada novo ministro procura deixar a sua ‘marca’ numa nova reforma que nunca é concluída, nem se quer avaliada” (FONTES). Quanto à segunda, a LDB, esta muitas vezes impede o professor de usar a autoridade. O aluno precisa saber que é o professor que é a autoridade da sala de aula. Porém, a questão da autoridade não é o autoritarismo, pois o aluno pode e deve ter voz, mas é o profissional quem deve conduzir este debate apoiando-se em normas pré-estabelecidas. Em sua monografia, a psicopedagoga Joana Rodrigues Di Santo, afirma:

Geralmente as escolas mais permissivas, que mais “escutam” os alunos, negociam, são também as mais violentas, como se pode apreender de pesquisas recentemente realizadas. Isso não quer dizer que os alunos não devam ser ouvidos em sua condição de estudantes, de sujeitos em formação. O que não dá é para seguir tudo o que dizem/reivindicam como se fossem ordens a serem cumpridas. Ouvir é uma coisa. Seguir a direção que eles querem impor é outra. Não se pode perder a autoridade legitimada pelo conhecimento<sup>7</sup>

Instituições que se ‘curvam’ diante dos alunos e não apresentam regras consistentes acabam criando mais espaço para atos indisciplinados de seus discentes. As regras devem ser flexíveis no que diz respeito à peculiaridade de cada caso, mas não na sua eficiência e aplicação. François Dubet (apud. GENTILE, 2002), destacado sociólogo francês, ressalta que “a disciplina é conquistada todos os dias; é preciso sempre lembrar as regras do jogo, cada vez é preciso reinteressá-los; cada vez é preciso ameaçar; cada vez é preciso recompensar”.

A intenção não é ser autoritário, mas na posição de educadores eles precisam mostrar ao estudante que o caminho escolhido por eles, muitas vezes, é improcedente. E, acima de tudo, fazer o aluno entender que eles vivem em sociedade e que essa sociedade é composta de hierarquias, cujos indivíduos são dotados de deveres, também. Julio Aquino, em reportagem para a revista Nova Escola, afirma:

É impossível falar de indisciplina sem pensar em autoridade. E é impossível falar de autoridade sem fazer uma ressalva: ela não é dada de mão beijada, mas é algo que se constrói. Ou seja, ter autoridade é muito diferente de ser autoritário. Dizer “não faça isso”, ameaçar e castigar são atitudes inúteis. O estudante precisa aprender a noção de limite – e isso só ocorre quando ele percebe que há direitos e deveres para todos sem exceção. (...) quando a

---

<sup>7</sup> J.M.R.di Santo.



desordem se instala, é fundamental agir com firmeza. (AQUINO, apud. GENTILE, 2002)

Alguns professores apontam que os alunos não aprendem porque são indisciplinados em decorrência da não imposição de limites por seus familiares; o fracasso escolar seria, então, o resultado de problemas que estão fora da escola e que se manifestam dentro dela pela indisciplinada. No entanto, a escola não pode abrir mão de sua responsabilidade quanto à indisciplinada que, realmente, é um problema bastante complexo, pois envolve a formação da consciência do sujeito, de seu caráter e da cidadania.

Todos os estudiosos afirmam que existe fórmulas prontas para solucionar o problema, visto que um mesmo aluno indisciplinado com um professor nem sempre é indisciplinado com outros. Este ato, portanto, parece ser algo que desponta ou se acentua dependendo das circunstâncias. Aquino afirma que

celebrar um “contrato” pedagógico em comum acordo com os alunos é um dos meios eficazes de manter a necessária e vital harmonia ao desenvolvimento do trabalho escolar ao processo de ensino-aprendizagem. É fundamental esclarecer o que esperam um do outro, professor e alunos. Estabelecer um plano contratual significa organizar conjuntamente as rotinas de trabalho pedagógico e de convivência escolar. Não se tratam, porém, de regras fixas. Elas devem estar sempre abertas à revisão. (2002)

O diálogo com as parte envolvidas, respeitando as diferenças, é primordial para que se saiba a melhor metodologia a ser aplicada. Cada discente merece diferente atenção e credibilidade, afinal todos são capazes, porém em tempos distintos.

François Dubet (apud. GENTILE, 2002) defende a idéia de que “os professores mais eficientes são, em geral, aqueles que acreditam que os alunos podem progredir, aqueles que têm confiança nos alunos. Os mais eficientes são também os professores que vêem os alunos como eles são e não como eles devem ser”. O respeito ao estudante é primordial, pois para conseguir solucionar o problema antes é necessário saber a origem dele. Respeitar o modo de ser de cada um é ganhar mais aliados na busca da solução dos problemas, afinal, assim se tem o conhecimento da origem de toda a “rebeldia juvenil”.

O professor é o orientador do adolescente. Logo, ele deve mostrar o caminho mais coerente para este aluno e ‘dar a causa como perdida’, pois estamos em constante transformação. Tardeli (apud. MACHADO) defende que “Só se estabelece um encontro significativo quando o mestre incorpora o real sentido de sua função, que é orientar e ensinar o caminho para o conhecimento, amparado pela relação de cooperação e respeito mútuos”.



Vasconcellos (1994) conclui que “os educadores devem se comprometer com o processo de transformação da realidade, alimentando um projeto comum de escola e de sociedade”, como numa orquestra.

Quanto às normas, é conveniente que a instituição de ensino defina-as de acordo com os propósitos da escola. Porém, faz-se necessário que as mesmas sejam discutidas com os professores (autoridades que as implantarão em sala de aula) e pais, já que a homogeneidade da educação é indispensável para um bom resultado. Elas também devem ser negociadas com os estudantes, pois eles são parte fundamental desse processo. Cabe então aos docentes estabelecer as ‘regras do jogo’ desde os contratos iniciais com as turmas sob sua tutela.

### 3. SUBVERSÃO NO RECIFENSE

A problemática da indisciplina em sala de aula é encontrada em qualquer parte do país. No Recife, estas questões aparecem em suas instituições de ensino, sejam públicas ou privadas. O grau de intensidade vai variar de acordo com a gestão escolar. Em uma pesquisa realizada durante o período de junho de 2008 a setembro de 2008, encontrei dados que são condizentes com a discussão feita anteriormente.

Todos os professores conceituaram “indisciplina” de forma simples, porém, explicativa. Eles abrangeram o termo de uma forma geral, não se restringindo apenas ao ambiente escolar. E todos profissionais que tinham mais de 10 anos de exercício acrescentaram atos de violência na terminologia de indisciplina.

Indisciplina é (...) não respeitar as normas que são estabelecidas, seja na escola ou em casa. É revolta; insubordinação; rebelião; brigas; é não ter respeito por seu semelhante. Em fim, é explorar os limites da educação e da boa convivência. (Prof. 25)<sup>8</sup>

Os educadores também foram homogêneos em suas respostas em relação a como lidar com atos disciplinares dos alunos. Corroborando com a afirmativa de François Dubet (apud. GENTILE, 2002), eles afirmaram que de início chamavam os envolvidos para conversar e tentavam entendê-los. Depois mostravam aos indisciplinados que eles infringiram as regras, ou seja, usaram autoridade na tentativa de mostrar ao aluno que a sociedade estabelece normas e elas devem ser cumpridas. Este método é defendido pelo professor Aquino (apud. GENTILE, 2002).

---

<sup>8</sup> Professor do ensino fundamental da rede pública de ensino.



(...) levando o indisciplinado a se conscientizar que com tal postura ele só tem a perder. (...) Não meço forças com o indisciplinado, procuro, nessas ocasiões, usar de sabedoria para que o aluno chegue à conclusão de que sua postura está inadequada, inconveniente e que não só está o prejudicando como também a terceiros. (Prof. 06)<sup>9</sup>

Apenas um professor, que também é psicólogo, afirmou fazer uma auto-crítica. Segundo o entrevistado, é preciso procurar saber onde está errado para que esse não preste atenção às suas aulas, e faça coisas alheias, chegando a ser indisciplinado. Esse professor tem mais de 10 anos de exercício da profissão e leciona em escola particular.

Quando questionamos em relação aos fatores que causam tais atos, todos apontaram a família como principal fator. Segundo eles, os alunos indisciplinados, geralmente, tem problemas em casa seja com o alcoolismo ou violência, seja com o financeiro. A sociedade e as influências de amigos completaram a lista. Apenas quatro professores, que acumulavam cargos de pedagogos ou psicólogos, lembraram que a escola também é culpada. Somente um profissional, da rede estadual de ensino, que não tem funções extras e já estava em exercício a mais de 10 anos, citou a LDB como um dos fatores. Assim como afirma Fontes, o entrevistado declarou que em muitos casos a LDB o “deixa de mãos atadas”, não permitindo que ele utilize a autoridade necessária.

Segundo a LDB, o professor não pode constranger o aluno. Como vou fazer para que este aluno entenda que dentro da sala de aula existe hierarquia (...) ele é o aluno e eu o professor, e como tal devemos cumprir com os nossos deveres dentro das normas da escola. (prof.40)<sup>10</sup>

As conseqüências da indisciplina são a perda de matéria dada, a falta de interesse pelo assunto, entre outros. Todos os entrevistados concordaram que o baixo rendimento escolar é o principal efeito. Alguns profissionais apontam que um outro efeito é a perda do respeito para com o professor.

O modo como as escolas tratam a questão da indisciplina é similar, tanto na pública quanto na privada. Em ambas, tudo começa com o professor. A escola permite que alguns casos sejam resolvidos em sala, sem maiores interferências. Se o problema não for, ou não der para solucionar entre o docente e o(s) discente(s), é levado à direção escolar e a coordenação pedagógica e psicológica. Só em último caso é que os pais são chamados à escola, para que possa ter uma compreensão melhor e ambos trabalhem juntos.

---

<sup>9</sup> Professor e coordenador pedagógico da rede privada de ensino.

<sup>10</sup> Professor do ensino fundamental da rede pública de ensino.



A diferença é que a escola pública tem programas educacionais para estes infratores, a privada não citou nenhuma coisa do tipo. Estes programas são atividades artísticas, oficinas e até um espaço de debates denominado de 'escola aberta' que tenta ajudar os jovens com o auxílio de um psicólogo.

(...) temos a atividade da Escola Aberta. (...) percebo que os alunos mais problemáticos são os que mais participam. A Escola Aberta é um programa de debates, palestras ... orientado por nosso psicólogo e o aluno se sente mais a vontade para desabafar (...) é muito legal e produtivo também (Prof. 18)<sup>11</sup>

Já o modo como as normas da instituição são definidas difere entre a pública e a privada. Na rede particular de ensino, as normas são definidas, primordialmente, pela direção escolar e a equipe pedagógica. Depois essas regras são passadas aos professores e aos demais profissionais de ensino. Os alunos e seus pais toma ciência das normas através de reuniões. Para a escola é fundamental que a família coloque em prática essas regras. Os entrevistados, da escola particular, deixaram claro que a participação familiar é em aplicar as regras.

(...) através da mostragem das normas que regem a escola aos pais e aos alunos em reuniões pedagógicas. E, também, no dia-a-dia mostrando as normas estabelecidas. A parceria da família é de fundamental importância para que as normas sejam cumpridas [grifo meu] (Prof. 22)<sup>12</sup>

Na rede pública de ensino, diretores, professores e funcionários são auxiliados pela comunidade na criação das normas que norteará a escola.

O regimento escolar é feito por toda a comunidade escolar: pais, estudantes, professores, funcionários, comunidade vizinha à escola... através de reuniões e encontros dentro dos dias letivos. (...) estas reuniões também servem para propor soluções, sejam de alunos ou qualquer outro membro. (Prof. 01)<sup>13</sup>

Seguindo a linha de ação defendida por Aquino (2002), os entrevistados da rede pública também citaram a autonomia que os professores tem em fazer normas junto com os alunos, baseando-se nas regras pré-estabelecidas.

(...) dentro dessas normas, o professor, com toda a autoridade e autonomia, cria normas e regras em sala de aula juntamente com seus respectivos alunos (...) isso dá mais facilidade para ter uma sala harmônica. Afinal, todos ali, da sala, criaram as normas e se predispuseram a cumpri-las. (Prof. 43)<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Professor da rede pública de ensino e com mais de 10 anos de experiência.

<sup>12</sup> Professor e pedagogo da rede privada de ensino, com mais de 10 anos de exercício.

<sup>13</sup> Professor do ensino Médio da rede pública de ensino com mais de 10 anos de experiência.

<sup>14</sup> Professor da rede privada de ensino, com mais de 10 anos de exercício.



#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por que é tão complicado colocar na prática as teorias, aparentemente, tão simples? Como pode-se notar, não há uma receita pronta para a questão abordada. Cada instituição sofre interferências peculiares, o que acarretaria uma atitude específica. Logo, o que se aplica em uma escola, não necessariamente será bem sucedida em outra.

Pelas entrevistas feitas com professores da rede de ensino da cidade do Recife, nota-se que a realidade entre a teoria e a prática não é tão distante. As escolas têm consciência de que se não for tomada as devidas providências, o problema da indisciplina gera violência. Porém, poucos entrevistados notou que a escola também é um dos fatores que contribuem para os atos indisciplinados. Elas afirmam ter o controle dos casos, mas dizem ser impossível evitá-los por completo.

Como afirmei anteriormente, não há soluções pré-fabricadas, mas alguns caminhos podem levar a superação da indisciplina. Em seu livro, “Indisciplina: o contraposto das escolas democráticas”, Aquino (2002) lista alguns objetivos da educação em valores:

- Atribuir igual importância aos âmbitos cognitivos, afetivo e moral no aprendizado escolar;
- Propor sistematicamente a vivência de situações-problema, do ponto de vista democrático, como disparadores da construção das competências e habilidades, ambas ancoradas em valores desejáveis, tais como equidade, solidariedade e justiça;
- Gerenciar os conflitos escolares numa perspectiva dialógica e de respeito mútuo;
- Desenvolver a tomada de consciência e a capacidade autônoma de escolhas;
- vivenciar o próprio espaço escolar como espaço privilegiado de participação democrática ativa.

Esses caminhos facilitam uma resolução rápida e mais conveniente. É válido ressaltar, como já foi citado, que o contexto em que cada escola está inserida deve ser levado em consideração. A indisciplina é algo complexo e de vê ser observada e analisada por meios psicológico e sociológicos.



### REFERÊNCIAS

AQUINO, Júlio G. **Indisciplina: o contraponto das escolas democráticas**. São Paulo: Moderna, 2002. (coleção cotidiano escolar)

\_\_\_\_\_. **Indisciplina na Escola: Alternativas Teóricas e Práticas**. 9ed. São Paulo: Summus, 1996.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1997.

DI SANTO, J. M. R. **Disciplina na escola: tarefa e construção desafiadoras**. Monografia. Lepsi/USP. Disponível em: <<http://www.centrorefeducacional.pro.br/monojoana2.htm>>. Acesso em: 20 out. 2009.

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972

FONTES, Carlos. **Indisciplina na Escola**. Disponível em <<http://educar.no.sapo.pt/indisciplina.htm>>. acesso em 03 de dezembro de 2008

GENTILE, Paola. Revista Nova escola, nº 149. Janeiro/Fevereiro 2002. Disponível em <[HTTP://www.ensino.net/novaescola/149\\_fev02/html/repcapa.htm](HTTP://www.ensino.net/novaescola/149_fev02/html/repcapa.htm)>. Acesso em 08 de dezembro de 2008.

MACHADO, Sheila Cristina de Almeida e Silva. **A indisciplina na sala de aula**. Disponível em <[www.portalsensinando.com.br/ensinando/principal/conteudo.asp?](http://www.portalsensinando.com.br/ensinando/principal/conteudo.asp?)>. acesso em 03 de dezembro de 2008

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consiente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: libertad, 1994.

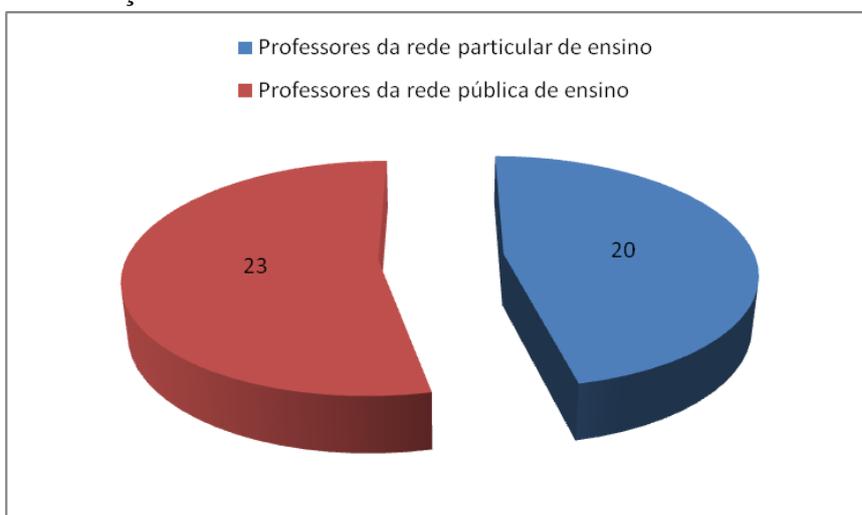
### ANEXO

01. Questionário feito com os professores de ensino Fundamental e Médio das escolas públicas e particulares. (Os professores foram enumerados por ordem alfabética. Para manter o anonimato dos entrevistados, todos serão tratados pelo gênero masculino)

1. Na sua visão, o que é indisciplina?
2. Como você lida com o ato de indisciplina?
3. Quais são os fatores que influenciam a indisciplina?
4. Quais os problemas conseqüentes da indisciplina do adolescente em sala de aula?
5. Como esta escola trata a questão da indisciplina?
6. Como são definidos as normas desta escola em relação à indisciplina?

### 02. Gráfico dos professores entrevistados.

#### 1. Escola de atuação:



#### 2. Experiência profissional:





## IV Colóquio de História

Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade  
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP

### 3. Cargo(s) de atuação:

